

ENTRE SOCIALISTAS E SOCIALISTAS: O CONCEITO DE SOCIALISMO PARA JOSÉ IGNÁCIO DE ABREU E LIMA, 1855

PAULO MONTINI DE ASSIS SOUZA JÚNIOR*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO –
 RECIFE – PERNAMBUCO – BRASIL

RESUMO

O Socialismo de José Ignacio de Abreu e Lima foi publicado no Recife em 1855, quando o autor já era conhecido por suas atividades escritas na Colômbia, onde fora agraciado com o generalato também pela produção textual a serviço do regime bolivarista, no Rio de Janeiro e em Pernambuco, onde continuaria com o ofício de redator. Neste artigo, utilizo métodos da história dos conceitos para analisar como Abreu e Lima mobilizou o conceito de socialismo em seu livro de 1855, publicado em um Recife no qual este ideário já dominava artigos dos principais periódicos da cidade. Analiso-o (I) junto à forma como Abreu e Lima pensou a revolução em produções anteriores na imprensa brasileira e (II) às demais interpretações socialistas correntes no Recife, abordagem que esclarece como (III) Abreu e Lima instrumentalizou o conceito de socialismo em 1855 enquanto elaboração sobre a necessidade civilizatória de transformações institucionais para o Brasil.

Palavras-chave: Abreu e Lima; redatores; socialismo.

ABSTRACT

O Socialismo from José Ignacio de Abreu e Lima was published at Recife in 1855, when the author was already known for his written activities at Colombia, where he was agratiated with generalship also for his text production in service of Bolívar's regime, at Rio de Janeiro and Pernambuco, where he continues his editor's job. In this article, I use methods from the history of concepts to analyze how Abreu e Lima mobilized the concept of socialism in his 1855 book, published in a Recife in which this ideology already dominated articles in the city's main periodicals. I analyze it (I) together with the way Abreu e Lima thought about the revolution in previous productions in the Brazilian press and (II) with other socialist current interpretations at Recife, approach that clarifies how (III) Abreu e Lima instrumentalized the concept of socialism in 1855 as an elaboration on the civilizing need for institutional transformations for Brazil.

Keywords: Abreu e Lima; editors; socialism.

RESUMEN

O Socialismo de José Ignacio de Abreu e Lima se publicó en Recife en 1855, cuando el autor ya era conocido por su actividad literaria en Colombia, donde obtuvo el grado de general, y también por su producción textual al servicio del régimen bolivariano, en Rio de Janeiro y en Pernambuco, donde continuó con su labor como escritor. En este artículo, utilizo métodos de la historia de los conceptos para analizar cómo Abreu e Lima movilizou el concepto de socialismo en su libro de 1855, publicado en Recife, en el que esta ideología ya dominaba los artículos de los principales periódicos de la ciudad. Lo analizo (I) junto a la forma con que Abreu e Lima pensó la revolución en producciones anteriores en la prensa brasileña y (II) con otras interpretaciones socialistas vigentes en Recife, enfoque que aclara cómo (III) Abreu e Lima instrumentalizó el concepto de socialismo en 1855 como una elaboración de la necesidad civilizadora de transformaciones institucionales para Brasil.

Palabras clave: Abreu e Lima; editores; socialismo.

*Doutorando em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Email: paulomontini93@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

O livro *O Socialismo*, de José Ignacio de Abreu e Lima, foi publicado em 1855 por uma tipografia de grande alcance do Recife. Sua escrita foi iniciada três anos antes, em 1852, e a obra seria divulgada pela imprensa local e de outras cidades brasileiras como um escrito de história universal. Não era o primeiro livro de história de Abreu e Lima, mas, diferentemente das suas outras produções anteriores, *O Socialismo* não alcançou maiores repercussões naquela década. O autor foi poupado das críticas nos jornais ou, pior cenário para um escritor, seu livro pode ter sido pouco compreendido. Pouco lido não foi: Abreu e Lima, general dos tempos da Colômbia de Bolívar, redator experiente e polêmico no Brasil em uma série de jornais e pasquins no Rio de Janeiro e do Recife, autor do famoso *Compendio da História do Brasil*, havia sido na capital pernambucana de anos antes um dos maiores porta-vozes do barulhento Partido Nacional de Pernambuco. As ideias que *O Socialismo* trazia também não eram alienígenas no Recife. Antes, os pensamentos dos socialistas europeus já eram lidos, reinterpretados e debatidos por uma série de escritores, muitos vinculados à elite sociopolítica pernambucana, e ressonaram em jornais e pasquins de grande circulação na cidade desde o início dos anos 1840.

Contudo, há uma lacuna na historiografia voltada ao Oitocentos brasileiro, justamente o estudo desses *hommes-des-lettres* que no Recife da metade deste século se identificavam e se divulgavam como socialistas. Em sua maioria jornalistas e livres-pensadores, estes sujeitos, quando problematizados pelos grandes pesquisadores do século XIX brasileiro, tiveram seus escritos e ações interpretados ou sob aquela ótica que insistia em enxergar apenas as incompreensões filosóficas por parte destes personagens em suas produções, apostando na tese do equívoco interpretativo das ideias e filosofias europeias que liam ardorosamente¹, o que ocasionaria maiores equívocos em suas interpretações das teses dos *socialistes* europeus, ou foram vistos como escritores públicos que não tiveram ressonância na opinião pública brasileira, por isso mesmo lidos como personagens de menor relevância e sem maiores papéis

¹ Conforme Mazin e Stedile acerca das ideias de Abreu e Lima. MAZIN, Angelo Diogo; STEDILE, Miguel Enrique. *Abreu e Lima, general das massas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

nas tramas políticas e intelectuais do país naquele momento². Com exceção das produções dos historiadores Amaro Quintas, Izabel Marson e Vamireh Chacon, que lançaram diferentes análises nos socialistas da imprensa periódica do Recife e às suas ideias ao longo de suas produções acadêmicas³, pouco foi escrito na segunda metade do século passado e no início do XXI acerca destes homens, de suas ideias e do cenário impresso em que atuaram.

Neste artigo problematizamos como Abreu e Lima conceitua “socialismo” na sua obra historiográfica homônima de 1855, quando já estava imerso nas atividades de redator em uma opinião pública que, no Recife, consumia e reproduzia as ideias socialistas. Só conseguimos compreender sua utilização se localizarmos a produção do general no Recife da década anterior. A partir da segunda metade dos anos 1840, Abreu e Lima estaria inserido em um cenário impresso na capital pernambucana que fazia uso político das doutrinas socialistas em meio à tensão entre praieiros e conservadores; nela, ainda refletiria sobre a revolução, temática que acompanhou seus escritos no Brasil desde que retornou ao país para morar na capital do Império, o Rio de Janeiro. Analisar parte desta recepção e produção socialista do Recife dessa metade do século XIX nos ajuda a esclarecer a iniciativa e os significados do livro de 1855 do general.

Inicialmente (I) discutimos as atividades e os posicionamentos políticos de Abreu e Lima na imprensa periódica de uma Colômbia ainda em luta por sua independência da Espanha, nas duas primeiras décadas do século XIX, e no Rio de Janeiro de um Brasil envolto nas tensões políticas e sociais da Regência no início da década de 1830; este percurso é essencial para compreendermos como o general se posicionou e utilizou publicamente seu cabedal de ideias modernas na imprensa periódica. Em seguida (II) lançamos foco à sua produção impressa no Recife dos anos 1840, onde compartilharia uma série de considerações acerca das ideias

² A trajetória e o pensamento de Abreu e Lima seriam resumidos em poucas linhas por José Murilo de Carvalho e Alfredo Bosi, por exemplo. CARVALHO, José Murilo de (coord.). *A construção nacional: 1830-1889*, vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p. 94, 257.

³ Textos de Quintas sobre os socialistas no Recife da metade do século XIX foram reunidos em QUINTAS, Amaro. *O sentido social da Revolução Praieira*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004. Vamireh Chacon analisou os mesmos personagens em CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A., 1965. Mais tarde, financiado pelo Estado da Venezuela, abordaria os mesmos personagens na biografia historiográfica *Abreu e Lima: general de Bolívar*, Recife, CEPE, 2007, publicado originalmente em 1983. Izabel Marson os estudaria mais a fundo na sua tese de doutorado *O Império do Progresso: A Revolução Praieira em Pernambuco (1842-1855)*, de 1987, além de analisar o conceito de revolução que circulava no Recife por escritos de alguns destes personagens dos anos 1840 no artigo “Entre a ‘Vertigem’ e a Razão: Representações da Revolução na Política pernambucana, 1838-1850” em 1991.

socialistas junto a outros periodistas que gozavam igualmente de prestígio e público naquele pujante cenário de impressos da cidade; neste cenário politicamente tenso da capital pernambucana, o ideário de Saint-Simon, Owen e Fourier seria mobilizado pelos partidos em contenda na província. Finalizamos nosso texto (III) examinando a sua instrumentalização do vocábulo “socialismo” no seu livro de 1855, em que destaca o termo na obra ao utilizá-lo enquanto eixo principal de sua história universal e na filosofia da História que desenvolve nele.

Problematizar historiograficamente *O Socialismo* significa se deparar com uma produção que permite enxergar a produção historiográfica publicada e produzida além dos limites do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), centro privilegiado do fazer histórico no Brasil imperial do século XIX por seu caráter oficial e por sua própria localização no Rio de Janeiro, espaço que possibilitava maiores possibilidades de inserção nos círculos de sociabilidades da capital imperial e da Corte bragantina. Conseguimos entrever demais questões historiográficas que escapavam deste centro institucional produtor quando dedicamos o olhar a *O Socialismo*, obra que concentrou discussões semelhantes às aquelas das instituições imperiais no Rio de Janeiro em meio às questões e problemas políticos-intelectuais mais circunscritos ao Recife e Pernambuco. A mesma consideração também se aplica sobre Abreu e Lima que, ele mesmo sujeito com passagem turbulenta no Rio de Janeiro e no IHGB, agora se dedicava no Recife à produção de artigos nos jornais de maior circulação da cidade e de seus próprios pasquins. Abreu e Lima não se privaria de comentar o cotidiano político da Corte e das instituições políticas imperiais do qual estivera tão próximo anos antes, mas agora o fazia articulando com o intrincado xadrez político que se desenrolava em Pernambuco entre os partidos da Praia e o Conservador.

Na biografia e na bibliografia de Abreu e Lima encontramos as esperanças e os dissabores não só referentes às polêmicas partidárias e cortesãs, mas também com o grande horizonte que pairou no imaginário e nas práticas do Ocidente decimonônico, o da revolução. No seu longo itinerário intelectual de quase cinquenta anos, perspectivas revolucionárias e contrarrevolucionárias dominariam a maior parte da produção de Abreu e Lima, reverberando em seus posicionamentos na imprensa periódica colombiana e brasileira e em suas atividades historiográficas ao longo de boa parte desta primeira metade do século XIX. Analisar suas

considerações sobre a revolução quando escritor público no Brasil nos ajudará a compreender alguns dos princípios políticos e filosóficos do autor por trás de *Socialismo*.

Em sua produção escrita, o general se valeu do uso de uma série de vocábulos, mobilizados politicamente para a defesa de seus posicionamentos e para o ataque contra seus detratores. Socialismo, revolução e liberalismo, por exemplo, foram conceitos largamente utilizados por Abreu e Lima neste recorte temporal do Oitocentos, certas vezes, como no caso de socialismo, com novos significados. Estudar estas performances linguísticas de Abreu e Lima demanda considerar que os conceitos também carregam uma historicidade⁴, que pode ser analisada a partir do deslocamento dos seus significados, por exemplo.

Nesta história do uso do conceito socialismo por Abreu e Lima em 1855, também partimos do pressuposto de que este conceito estava inserto naquilo que o historiador Reinhart Koselleck chamou de “unidades textuais maiores”, a saber, “orações, parágrafos, capítulos, livros, além dos antitextos correspondentes”⁵. Desde a década de 1840, o cenário de impressos do Recife interpretou, deslocou e alimentou uma série de significados de socialismos e de demais conceitos políticos que estavam em uso “na vizinhança”, para ficarmos na metáfora de Koselleck.

I. ABREU E LIMA, ESCRITOR PÚBLICO ENTRE A REVOLUÇÃO E A CONTRARREVOLUÇÃO

Filho de José Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima, o Padre Roma, mártir do movimento emancipacionista brasileiro do Dezesete nas capitanias de Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte, e que presencia a morte por fuzilamento pelas tropas contrarrevolucionárias portuguesas na Bahia, Abreu e Lima morou nos Estados Unidos após fugir da prisão onde testemunhara a execução de seu pai antes de dedicar-se às causas independentistas do *Libertador* Simón Bolívar, em 1819. Braço direito do militar venezuelano, foi inicialmente redator da folha oficial dos *patriotas* revolucionários, o *Correo del Orinoco*, e mais tarde escreveria uma defesa da atuação política de Bolívar, o *Resúmen*, escrito a mando do próprio

⁴ KOSSELLECK, Reinhart. *História de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020, p. 64.

⁵ *Idem, ibidem.*, p. 110.

presidente para ser publicado inicialmente em pasquins e jornais a serem enviados ao abade de Pradt. À época, esse clérigo encontrava-se imerso em uma discussão na opinião pública europeia sobre os rumos do bolivarismo com o filósofo franco-suíço Benjamin Constant.

Também esteve nas frentes militares que garantiram a formação da Colômbia, atuação que lhe valeria o generalato por indicação direta do *Libertador*, mas como militar também amargaria as derrotas na série de guerras civis que levariam o país à dissolução⁶. Após a morte de Bolívar, em 1831, viajou à Europa e conhece Pedro I, que em abril deste ano abdicara do trono brasileiro. Com o primeiro imperador do Brasil Abreu e Lima lembraria como “contrahi [...] muito boas relações”⁷. Neste mesmo ano, o general anuncia seu retorno ao país em carta aos irmãos, assumindo o princípio de lutar em prol da unidade brasileira sob o regime monárquico e se comprometendo a não pegar em armas no caso de maiores desentendimentos políticos⁸.

Em terras brasileiras Abreu e Lima logo se tornou presente na pulsante opinião pública do Rio de Janeiro, onde publicaria dois pasquins pró-Caramuru em 1833, escrevendo artigos em defesa do retorno de Pedro I ao poder no Brasil. Temeroso da instabilidade política e social que dominava o país naqueles primeiros anos regenciais, bastante crítico daquilo que enxergava como ingerências da Regência, então dirigida por “architectos de ruínas” que conduziam o Brasil à desintegração política e territorial, o general escreveria artigos contrarrevolucionários, textos que beiravam o reacionarismo político. Condenava a Revolução Francesa de 1789, obra do perigoso “liberalismo da moda” jacobino, que deixara à população europeia um país “sem governo, sem leis, sem moral, sem pão”⁹, e reprovava as “revoluções” que dominavam os demais países latino-americanos e que os arrastavam à guerra civil e ao separatismo político e territorial, tormentas que via se aproximar do único regime monárquico das Américas. Neste

⁶ Para a atuação de Abreu e Lima nas campanhas militares pela independência da Colômbia bolivarista e pela sua unidade nos anos de crise no fim da década de 1820, ver SOUZA JÚNIOR, Paulo Montini de Assis; ARRUDA CARNEIRO DA CUNHA, Diogo. As Américas do General: um estudo da construção de uma memória histórica por José Ignacio de Abreu e Lima na missiva para José António Páez, 1868. *Revista Brasileira do Caribe*, v. 24, n. 47, p. 103-134, jul./dez., 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/22286/12601>. Acesso em: 14 mai. 2024.

⁷ *O Novo Mundo*, nº 31, 23 de abril de 1873. No caso das citações diretas neste artigo, escolhemos seguir a gramática original das documentações.

⁸ *Homem e a America*, s/n. 25 de novembro de 1831. A carta seria republicada em 1833, no pasquim *A Torre de Babel*. *A Torre de Babel*, nº 7, 6 de março de 1833.

⁹ *A Arca de Noé*, nº 19, 20 de novembro de 1833.

momento da década de 1830, Abreu e Lima parece aproximar-se daquela máxima que diz que o contrarrevolucionário fora, antes, um ébrio voraz dos valores revolucionários¹⁰. De certo modo reconheceria isso publicamente na última edição de *A Torre de Babel*, um dos seus pasquins publicados no Rio de Janeiro, quando escreveu estar “tão enfasiado de revoluções”¹¹.

A posição conservadora assumida nas folhas do Rio de Janeiro lhe valeriam inimizades com personagens influentes da vida política fluminense, como Evaristo da Veiga, deputado mineiro e um dos redatores mais populares da capital brasileira com sua *Aurora Fluminense*, Januário da Cunha Barbosa e um jovem Francisco Adolpho de Varnhagen. Com estes dois últimos protagonizaria uma das primeiras querelas historiográficas de um recém-independente Brasil que buscava construir e constituir sua história oficial a partir do IHGB e do Rio de Janeiro.

Autor do *Compendio da História do Brasil*, livro publicado em 1843, Abreu e Lima seria acusado de plágio por Varnhagen por esta produção no ano seguinte, em posição que seria acatada por Barbosa, fundador e então presidente do Instituto Histórico. À parte as validades da acusação, visto que no prólogo do *Compendio* Abreu e Lima explica como a obra era antes uma compilação colhida de autores europeus, como Robert Southey e John Armitage, descobrimos o quanto a decisão de Barbosa pesou para o general ao lermos as entradas de seu diário, quando registra a sua desvinculação do IHGB por todo o imbróglio criado pela acusação de ser mero plagiador de autores estrangeiros. Pego de surpresa pelo “tremendo artigo de Varnhagen” e com o parecer de Barbosa acerca do mesmo, vencido pelo cansaço das polêmicas no Rio de Janeiro, devolve o diploma de membro do IHGB dias depois e toma a decisão de retornar ao Recife natal¹².

Em julho de 1844 Abreu e Lima retornou a um Recife envolto em tensões políticas-partidárias. Imediatamente vinculado ao Partido Nacional de Pernambuco, dissensão do Partido Liberal local e conhecido à época como Partido da Praia, registraria no seu diário uma série de encontros com os grandes nomes à frente da facção praieira. Chegou a acordar com a proposta de ter seu nome lançado para candidato a uma das vagas na Câmara dos Deputados, mas obteria

¹⁰ COMPAGNON, Antoine. *Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 28.

¹¹ *A Torre de Babel*, nº 7, 6 de março de 1833.

¹² INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO (IAHGP). Diário Particular do general José Ignacio de Abreu e Lima. 22 de abril de 1844. Documento mimeografado.

um resultado pífio que lhe concedia apenas uma vaga de suplente¹³. Por insistência dos líderes da Praia, Abreu e Lima logo passa a colaborar como redator no principal periódico do partido, o *Diario Novo*, assim chamado para opor-se ao “diário velho” dos opositores do Partido Conservador, o *Diario de Pernambuco*. A tipografia do *Diario Novo* era capitaneada por seu irmão, Luiz Roma, parceiro da desventura e da fuga de 1818, responsável pela impressão do *Diario* praieiro e das demais folhas e pasquins menores do partido junto a uma quantidade considerável de ferramentas tipográficas e escravizados¹⁴. A fama da tipografia de Luiz Roma extrapolava o Recife: em 1844 o jornal de maior circulação no Rio de Janeiro informa que o general, por não conseguir imprimir um de seus livros na capital do Império, realizaria a impressão na “bem montada” Typographia Imparcial em Pernambuco¹⁵.

Pela Imparcial, Abreu e Lima publicaria o pasquim *A Barca de S. Pedro* entre os meses de maio e outubro de 1848. Na folha dedicaria seus artigos à defesa da quadra “Monarquia – Integridade do Imperio – Constituição – e Reformas na administração geral e provincial pelos meios que a mesma Constituição offerece”. Além das costumeiras querelas com o Partido Conservador da província, é na *Barca* em que encontramos as suas primeiras considerações acerca das ideias socialistas. Atento às obras de Charles Fourier e de Robert Owen, Abreu e Lima enxerga que este momento do século XIX é o de “vitória das ideias socialistas”. Mas o que explica a sua consideração?

Para Abreu e Lima, as insurreições europeias iniciadas no início de 1848 traziam a lume o surgimento de um novo cenário político para o Brasil, em que o horizonte da revolução voltava à ordem do dia. Atentamente observados pelos redatores do Recife, onde eram apurada cotidianamente pelos redatores e políticos locais, que replicavam os artigos das agências de notícias internacionais que cobriam os acontecimentos turbulentos na Europa, estes movimentos heterogêneos compartilhavam entre si valores anti-absolutistas, com salpicadas de nacionalismo e republicanismo aqui e ali.

¹³ CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. *O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830-1870*. Tese de doutorado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2012, p. 15.

¹⁴ Conforme nos revela o inventário de sua Typographia Imparcial. COLEÇÃO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO (IAHGP). Fundo Orlando Cavalcanti. Caixa 209.

¹⁵ *Jornal do Commercio*, nº 172, 3 de julho de 1844.

O temor ganhava ressonância mesmo na Corte fluminense. Em junho de 1848 o então chefe de gabinete Francisco de Paula Sousa e Melo externaria preocupação com a “repercussão dos sucessos da Europa” no Brasil, onde a instabilidade revolucionária causaria, caso aportasse no regime imperial sul-americano, impactos mais profundos por “nossa organização social [...] ter elementos mais perigosos que os que existem na Europa”¹⁶. Sua fala seria aplaudida pelos colegas na Câmara dos Deputados. Dois meses antes, Pedro II, no mesmo mês de Abril fatídico para seu pai, ficaria um tanto alarmado quando tomara conhecimento da Revolução de Fevereiro em Paris, ansioso a ponto de abandonar um espetáculo teatral no Rio de Janeiro para ler maiores informações sobre a revolução parisiense nos jornais que acabavam de chegar em um pacote recém-ancorado¹⁷. O imperador brasileiro decerto aprendera que a abdicação de seu pai, em 1831, foi fomentada pelas notícias da chamada Revolução de Julho que levara o então rei francês Carlos X à queda no ano anterior.

Era o bastante para Abreu e Lima: caso os arroubos republicanos e antimonárquicos vistos na França e nos reinos germânicos desembarcassem no Brasil, desatrelariam o carro da revolução no país. Por isso fazia em sua *Barca* uma cobrança inusitada ao imperador brasileiro, exigindo do mandatário medidas “revolucionárias” que apaziguassem os ânimos políticos e sociais tal qual o rei Frederico Guilherme IV fizera na Prússia. Lá, o mandatário prussiano “viu que a revolução era inevitável; mandou retirar a tropa, e colocou-se á frente do povo, fazendo todas as concessões por elle reclamadas”. Estudando as necessidades de sua população e fazendo sua “revolução” a partir do Estado, o rei organizara “o paiz de uma maneira estavel, solida e permanente”¹⁸.

Na virulenta opinião pública recifense, em que folhas das mais variadas posições políticas e partidárias trocavam informações, chistes, xingamentos e ofensas, as considerações do general seriam bastante criticadas pelos opositores do Partido da Praia. Sobre a proposta de Abreu e Lima para uma revolução à prussiana, *O Eclético* opinaria que

O general he o diabo, o general está doudo. Pois meo general vossa mercê quer que o Imperador [Pedro II] fassa revoluções? E esta?! O que me dizem a isto?! O certo he que o general quer que haja, por faz, ou por nefaz uma revolução, mas não quer que seja feita pelo povo (no que concordamos) porque diz elle que teme a

¹⁶ *O Cearense*, nº 161, 22 de junho de 1848.

¹⁷ Cf. HOLANDA, Sérgio Buarque de. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). *Capítulos de história do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p. 180-183.

¹⁸ *A Barca de S. Pedro*, nº 8, 11 de julho de 1848.

anarchia. Tão bem não quer que seja feita pelas camaras. Então por quem quer o demonio do general que seja ella feita? [...] O que elle quer he com seo maninho João [Roma, irmão de Abreu e Lima,] concentrar-se nas mattas do catucá, e ahi organizar hum pesinho de exercito de mulambos, para de lá fazerem exigencias ao governo da provincia [de Pernambuco] e lucrarem com esta estrategia alguns cobrinhos para se acomodarem, e aquietarem¹⁹.

Esta não era a primeira vez que Abreu e Lima foi acusado de incitar rebeliões ou levantes armados em território brasileiro. Na década anterior o seu nome foi envolvido na Cabanada da Praia Grande, quando foi apontado como um dos participantes da conspiração que visava dismantlar o então regime regencial do país. O episódio lhe valeria, além do descrédito político no Rio de Janeiro de 1834, o apelido jocoso de “general das massas”, criado por Januário da Cunha Barbosa para sua peça teatral *A rusga da Praia Grande*²⁰. Seu “maninho” João Roma, em contrapartida, já era um sujeito mais versado em práticas do tipo em Pernambuco.

No primeiro semestre de 1829, por exemplo, João Roma proclamaria em Santo Antônio a “República de Afogados” junto a mais 70 homens²¹. Em 1831, estava presente no motim da Setembrizada que agitaria o Recife por três dias, deixando rastros de saques, quebra-quebras e destruição²². Na década de 1840 João Roma já acumulava uma série de polêmicas no Recife e arredores desde que passara a exercer as funções de subdelegado na freguesia do Poço da Panela. Após uma invasão de João Roma ao Engenho Apipucos, em 1848, seu proprietário, Antonio Lins Caldas, o imortalizaria no *Diario de Pernambuco* como “grande facinoroso, [...] homem coberto da maldição geral, [...] miseravel por mais de uma vez exposto a irrisão e ao esgarneo”²³. João Roma substituíra no cargo de subdelegado da freguesia justamente o irmão de Caldas, Francisco da Rocha Paes Barreto, em um episódio ilustrativo da série de exonerações

¹⁹ *O Eclético*, nº 2, 19 de julho de 1848.

²⁰ SOUZA JÚNIOR, Paulo Montini de Assis. *Abreu e Lima redator: estudos sobre cultura política e pensamentos nos pasquins fluminenses de José Ignácio de Abreu e Lima*. Dissertação de mestrado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2020, p. 152.

²¹ MOSHER, Jeffrey. *Political struggle, ideology, and state building: Pernambuco and the construction of Brazil, 1817-1850*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2008, p. 84-85.

²² SANTOS JÚNIOR, Ivan Soares dos. *Entre a harmonização e a federação: sociedades públicas em Pernambuco (1831-1834)*, dissertação de mestrado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2020, p. 55-78.

²³ *Diario de Pernambuco*, nº 75, 1 de abril de 1848. Caldas escreveria a carta no dia 29 de março de 1848 para publicação direta no *Diario de Pernambuco*.

promovidas pelo Partido da Praia à frente do governo de Pernambuco neste ano e que alimentava ainda mais a tensão político-partidária na província²⁴.

As posições pró-regime na *Barca* não valeriam maiores alívios jurídicos a Abreu e Lima, condenado à prisão perpétua na ilha de Fernando de Noronha como um dos “cabeças da rebelião” e por aliciar e reunir “gente” por meio da Sociedade Imperial de Pernambuco, associação civil que fundara em maio de 1848, à Insurreição Praieira deflagrada em novembro deste ano²⁵. Receberia a anistia apenas em 1851, quando retornaria ao Recife politicamente desprestigiado por causa do desbaratamento do Partido da Praia após a derrota na guerra civil em 1849. Também retornaria traumatizado pelas mortes de seus irmãos: Luiz Roma padeceria de um câncer no intestino²⁶, enquanto João Roma não resistiria aos ferimentos adquiridos em combates próximo a Goiana durante a insurreição, quando comandara uma tropa de revoltosos no início de 1849.

II. O VOCÁBULO “SOCIALISMO” NA IMPRENSA DO RECIFE

Ao iniciar a escrita de *O Socialismo* em 1852, portanto, não é como se Abreu e Lima se deparasse com filosofias e ciências estranhas e/ou desconhecidas. O mesmo pode ser dito sobre a opinião pública do Recife. Na cidade, rastreamos a presença das ideias socialistas no início dos anos 1840, quando o engenheiro francês Louis-Léger Vauthier foi contratado para servir no cargo de diretor das obras públicas de Pernambuco durante o mandato de Francisco do Rego Barros.

Lendo as entradas do diário pessoal de Vauthier descobrimos que ele, um fourierista declarado, promovia encontros para discutir as leituras socialistas, registrava suas assinaturas de subscrições de revistas, como a publicação francesa *La Démocratie* e a brasileira *O*

²⁴ Parte da lista de exonerações pode ser lida em NABUCO DE ARAÚJO. *Justa apreciação do partido praieiro ou história da dominação da Praia*. Recife: Typographia União, 1847, p. 66. Neste registro daquele que seria, após a Insurreição, o juiz responsável pelos processos dos envolvidos na Praieira, descobre-se que Caldas era “senhor de engenho, rico proprietário” e suplente do cargo exercido pelo próprio irmão.

²⁵ MELLO, Urbano Sabino Pessoa de. *Apreciação da Revolta Praieira em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1849, p. 407.

²⁶ *Diário Novo*, nº 280, 30 de dezembro de 1848. O necrológio sem autoria de Luiz Roma publicado no *Diário Novo* fala de dores no ventre agravadas por inflamação no baixo ventre.

*Socialista*²⁷, e consumia livros de autores franceses desta corrente de pensamento. Todas estas publicações eram redistribuídas por Vauthier àqueles integrantes mais próximos do seu círculo social na província.

Personagens como o próprio Rego Barros e os redatores Antônio Pedro de Figueiredo, da revista *O Progresso*, próximo dos mandatários do Partido Conservador de Pernambuco, pregador de reformas profundas para a distribuição da terra e para educação pública no Brasil, e Antônio Borges da Fonseca, liberal radical e republicano, conhecido nacionalmente desde a organização de protestos contra Pedro I no Rio de Janeiro em 1831, também frequentavam os círculos de sociabilidade socialistas de Vauthier segundo o que depuramos do seu diário. O retorno do francês à Europa seria lamentado em sentimental artigo de Figueiredo publicado em novembro de 1846, quando relembriaria “o movimento ascendente dos melhoramentos reaes e positivos que aqui” em Pernambuco legou obras “que não teem rivaes em todo o Imperio [brasileiro]”, como o Teatro Público do Recife e “fragmentos de estradas planas e transitaveis” ao longo da província²⁸. Curiosamente, Figueiredo não citaria neste seu texto a contribuição de Vauthier à divulgação das ideias socialistas realizada em seus anos no Brasil.

A utilização das ideias dos pensadores socialistas seria uma constante na produção destes três redatores em específico ao longo dos anos 1840. Alguns historiadores os leriam como *quarante-huitards* por isso, vendo neles o espírito e os “traços marcantes” de solidariedade humana e idealismo dominante na França do início de 1848²⁹. Se essa literatura historiográfica observa o socialismo como importante eixo das ideias de um Recife politicamente dividido entre os partidos Conservador e da Praia, contudo, ela passa ao largo de como as ideias socialistas também foram politicamente disputadas na opinião pública da capital pernambucana por seus propagadores.

²⁷ VAUTHIER, Louis- Léger. In: PONCIONI: Claudia. *Louis-Léger Vauthier, engenheiro francês fourierista*. Recife: Cepe, 2010, p. 247-248.

²⁸ “Adeos ao sr. Vauthier”. In: *O Progresso: Revista Social, Litteraria e Scientífica*. Recife: Imprensa Oficial, 1950, p. 249-251.

²⁹ Cf. Quintas e o tal do espírito *quarante-huitard* que dominaria Pernambuco nesta década de 1840. QUINTAS, 2004, p. 70. Aluizio Franco Moreira também compartilharia de leitura semelhante em seu MOREIRA, Aluizio Franco. *As Idéias Políticas e Outras Idéias de Dois “Quarante-Huitards” Pernambucanos (Abreu e Lima e Antonio Pedro de Figueiredo)*. Dissertação de mestrado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 1986.

A leitura mais atenta destas folhas nos mostra como Figueiredo, Borges da Fonseca e Abreu e Lima utilizavam o pensamento socialista de forma heterogênea, com aplicações, apreciações e reinterpretações muito distintas entre si e das propostas originais dos *socialistes*. Por isso nos parece mais apropriado falarmos em socialismos que circulavam na opinião pública impressa do Recife desta metade do século XIX.

O general, por exemplo, seria crítico ferrenho de Saint-Simon, e na *Barca*, em que pese considerar na última edição do pasquim, às vésperas do início da Insurreição Praieira, “o triunfo das ideias socialistas”, identificava estes pensadores do socialismo como anárquicos, cujas ideias não satisfaziam “a justa distribuição de gosos e de labores em todas as classes da sociedade” brasileira³⁰. Para uma produção de impressos como os pasquins, materiais descartáveis voltados para o consumo imediato e por isso mesmo com argumentos de baixa pretensão teórica por buscarem a atualidade ante a repetibilidade³¹, Abreu e Lima não hesita em opinar que socialistas como Owen, Fourier e Saint-Simon não ofereciam maiores contribuições para a resolução dos problemas socioeconômicos brasileiros do que algumas inspirações para a industrialização, o planejamento de organização de colônias operárias e a povoação dos distantes sertões do país, por exemplo. Politicamente, o general acreditava que antes era necessário manter-se à distância da aplicação “dessas ideias exageradas” que punham a Europa daquele ano em intensa agitação social e às beiras de uma revolução tão profunda quanto àquela de 1789³². Não esqueçamos que as notícias da Europa de 1848 levavam ao público leitor de jornais o socialismo como a ameaça maior “que havia penetrado as massas”³³.

Alexis de Tocqueville percebera isso no calor do momento. Quando deputado na França, o autor de *A Democracia na América* compartilhou com seus colegas da Câmara dos Deputados no início de 1848 a convicção de que “dormimos sobre um vulcão”³⁴. Alguns anos depois, recordando suas lembranças sobre a instabilidade política daquele ano, Tocqueville imputou às ideias socialistas a responsabilidade pela “Revolução de Fevereiro” parisiense; haviam sido elas que “acenderam paixões verdadeiras, exacerbaram as invejas e [que] finalmente suscitavam a

³⁰ *A Barca de S. Pedro*, nº 20, 23 de outubro de 1848.

³¹ KOSELLECK, 2020, p. 104.

³² *A Barca de S. Pedro*, nº 20, 23 de outubro de 1848.

³³ SECCO, Lincoln. A face da revolução. *A Terra é redonda*, 14 de setembro de 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-face-da-revolucao/>. Acesso em: 20 abr. 2024.

³⁴ TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 43.

guerra entre as classes” na França *quarante-huitard*³⁵. O fermento socialista também teria sido o ingrediente que entornou o caldo político de Pernambuco na metade do Oitocentos: é a interpretação de Joaquim Nabuco sobre a Insurreição Praieira, presente na biografia escrita sobre seu pai³⁶. Para Nabuco, alguns dos programas praieiros seriam meras imitações das ideias socialistas francesas, o que serviria de mote para sua famosa frase de que “todas as nossas revoluções foram, dir-se-ia, ondulações começadas em Paris”³⁷.

Uma ampla literatura já se debruçou sobre os projetos destes socialistas. Um dos poucos consensos é o de que Paris foi o espaço “do pensamento socialista mais avançado da Europa”³⁸. A historiadora Helena Rosenblatt identificou que a chamada “questão social” era largamente debatida na capital francesa desde a década de 1830, mas que viria do industrial inglês Robert Owen a primeira associação à palavra “socialista”: desde meados dos anos 1810 que Owen já escrevia sobre um sistema social novo “que esperava substituir o sistema atual que estava causando tantas dificuldades para os pobres” de seu país³⁹. O termo, contudo, abarcaria um sem-número de propostas muito diferentes entre si, mesmo que compartilhassem de alguns princípios em comum, como a convicção de que a convergência entre a razão e a ciência possibilitaria a remoção dos “obstáculos que evitavam o senso comum”⁴⁰, ou seja, o Progresso, de seguir seu caminho natural.

O sociólogo Émile Durkheim já havia notado o mesmo em suas lições sobre o socialismo datadas do fim do século XIX: “reorganizar as sociedades europeias, dando-lhes como base a ciência e a indústria, aqui está o objetivo” que as ideias socialistas tinham à vista⁴¹. Para Durkheim, socialista era toda doutrina que demandasse a “conexão de todas as funções econômicas ou de certas funções entre elas [...] aos centros diretores e conscientes da sociedade”⁴², e segundo o sociólogo foi o conde de Saint-Simon quem melhor expôs este grande reordenamento social, fazendo da sociedade “uma verdadeira máquina organizada em que todas

³⁵ *Idem, ibidem.*, p. 94.

³⁶ NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949, p. 93.

³⁷ *Idem, ibidem.*, p. 101.

³⁸ ROSENBLATT, Helena. *A história perdida do liberalismo: da Roma antiga ao século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2022, p. 101.

³⁹ *Idem, ibidem.*, p. 104.

⁴⁰ HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977, p. 262, 265.

⁴¹ DURKHEIM, Émile. *O Socialismo*. São Paulo: EDIPRO, 2016, p. 94.

⁴² *Idem, ibidem.*, p. 53.

as partes contribuem, de uma maneira diferente, para a marcha do conjunto”⁴³. A via desta reorganização social, contudo, variava a cada socialista: Pierre Joseph-Proudhon a priorizava pela cooperação; Owen, pela associação; os fourieristas, pela harmonia. Todos eles, nas interpretações dos historiadores André-Jean Tudesq e Jean Rudel, opunham seus caminhos associativos àquilo que identificavam como livre iniciativa individual⁴⁴.

Eram estas ideias que já estavam integradas ao vocabulário do cenário impresso e letrado do Recife nesta metade do Oitocentos. Reinterpretado e instrumentalizado para questões diversas, foi um conceito indispensável para estes redatores da capital pernambucana em suas considerações acerca das questões sociais e econômicas da província e do Brasil. No Recife, o termo socialismo se tornaria inescapável do vocabulário político e social das elites político-partidárias locais, virando um conceito básico na opinião pública da cidade na década de 1840⁴⁵. Também por tudo isso, socialismo é um conceito útil à compreensão da cultura política da capital pernambucana por estes anos.

Foi pensando no socialismo que Figueiredo defenderia em 1848 aquilo que chamara de “direito de viver”, porque só as ideias socialistas permitiriam apreender o “princípio [de] que o fim da sociedade consiste em proporcionar a cada um dos seus membros a maior somma de felicidade possível”⁴⁶. Um ano antes, ao retomar a publicação de seu famoso *O Carapuço*, o padre Lopes Gama comentaria no primeiro número do jornal que apenas no socialismo “se encontram luminosos, e verdadeiros princípios” prenunciadores de reformas radicais para sociedades em “que a disparidade de fortuna mostra-se por toda a parte tão extrema”⁴⁷. Em 1845, o padre carapuço, ao comentar seus pensadores favoritos, elegia, entre personagens como Platão e Bodin, Saint Simon, Owen e Fourier⁴⁸.

A convergência na leitura destes três socialistas europeus em especial seria uma tendência àqueles redatores que admiravam e repercutiam o ideário do socialismo no Recife.

⁴³ *Idem, ibidem.*, p. 107.

⁴⁴ TUDESQ, André-Jean; RUDEL, Jean. 1789-1848. Paris: Bordas, 1979, p. 543.

⁴⁵ Sobre conceitos básicos em certo recorte social, ver KOSELLECK, Reinhart. Uma resposta aos comentários sobre o *Geschichtliche Grundbegriffe*. In: JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres (org.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, Edições Loyola, IUPERJ: 2006, p. 103.

⁴⁶ “O direito de viver”, *O Progresso*, op. cit., p. 777.

⁴⁷ *O Carapuço*, nº 1, 1 de março de 1847.

⁴⁸ FELDMAN, Ariel. *Espaço público e formação do Estado nacional brasileiro, a atuação política do Padre Carapuço (1822 a 1852)*. Tese de doutorado (História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, USP, 2012, p. 292.

Nos seus artigos, eles não os apresentavam em suas discordâncias teóricas, como as hostilidades dos saint-simonianos à ênfase libertária dos fourieristas nos debates pela Europa⁴⁹. Antes, os socialistas do Recife concordavam na interpretação de que as desigualdades sociais no Brasil se acentuavam em um ritmo exponencial, e identificavam nisto tensões das mais variadas classes na sociedade brasileira oitocentista. Interessava a todos, acima de tudo, a resolução não violenta destes conflitos: as classes deveriam continuar a existir no Brasil, e o Estado imperial deveria se responsabilizar na busca da solidariedade social. Para os redatores socialistas do Recife, as ideias reformistas dos socialistas europeus apresentariam os meios para se criar no Brasil, país de regime escravocrata e marcado pela acentuação da desigualdade social, este cenário idealizado de concórdia.

Um já notório agitador paraibano também abraçaria as ideias socialistas no Recife. Inspirado pelas leituras do socialismo europeu, Borges da Fonseca, influente redator agora estabelecido na capital pernambucana, passou a utilizar os preceitos socialistas para a sua tradicional reivindicação da nacionalização do comércio a retalho no Brasil, política que ajudou a popularizar entre os praieiros a ponto de virar plataforma do partido nos anos 1840⁵⁰, apesar de nunca se ligar formalmente a nenhum dos dois partidos da província⁵¹, e para justificar seus projetos de reforma administrativa, que previam desde a mudança do regime político do país e a abolição do trabalho escravizado até às questões de âmbito mais particulares das províncias do Norte brasileiro, como sua Paraíba natal e Pernambuco. Não à toa o seu manifesto *Ao Mundo*, publicado no dia 1º de janeiro de 1849 em nome do Partido da Praia, reuniria princípios como o voto livre e universal aos brasileiros, “o comersio [sic] a retalho so para o sidadao [sic] brasileiro”, a extinção do Poder Moderador e o “elemento federal na nova organização [sic]” político-administrativa do Brasil, dentre outras demandas sociais, políticas e econômicas mais radicais, todas inspiradas nos “movimentos progressistas da Europa” iniciados no ano anterior,

⁴⁹ LAFHEY, John F. Concórdia e Discórdia no Pensamento Social Francês na Primeira Metade do Século XIX. In: KANTZ, Frederick (org.). *A Outra História – Ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 235.

⁵⁰ CÂMARA, 2012, p. 20.

⁵¹ Suzana Cavani fala que Borges da Fonseca apoiaria os dois partidos em momentos pontuais, até depois da insurreição de 1848/49, quando atuaria militarmente junto aos revoltosos. ROSAS, Suzana Cavani. “A praça é do povo como o céu é do Condor”: Borges da Fonseca e sua combativa luta na imprensa entre 1850 e 1860. In: CHRISTILLINO, Cristiano Luís; SCHETTINI, Vitória Fernanda. *Política e sociedade no Brasil oitocentista*. Recife: Ed. UFPE, 2020, p. 166.

“que tem aniquilado os tiranos, e realizado a promessa do Todo Poderoso de *depor os reis dos seus tronos, e exaltar os povos*”. O documento, assinado por mais seis pessoas além de Borges da Fonseca, dentre elas João Roma, seria considerado apócrifo pela direção do Partido Nacional de Pernambuco. Para os mandatários praieiros, o manifesto *Ao Mundo* de Borges da Fonseca municiaava aos conservadores locais e a todo o Brasil, Pedro II incluso, com o discurso de um Partido da Praia anti-ordem, conspirador contra o regime monárquico e anti-constitucional.

Anos depois da Insurreição Praieira Borges da Fonseca lembraria como o *Ao Mundo* fora aprovado por personagens muito influentes do Partido da Praia, como Joaquim Nunes Machado e Antônio Afonso Ferreira, “e por todos os martires sem nome que morreram no campo da batalha [da insurreição], ou ao depois propugnando sempre pelos corolarios da glorioza revolução de 1848”⁵². Em outra publicação, também recordaria como o então redator do *Diario Novo* de 1848/49, Filipe Lopes Neto, e Abreu e Lima confabulavam acerca do *Ao Mundo*, concordando em “atribuil-o ao partido guabirú, para ter um meio de defeza cazo [sic] a revolução caisse”⁵³.

Ideário assumido de forma apaixonada e conceito disputado por setores dos mais diversos matizes político-partidárias do Recife, o socialismo também encontraria seus detratores na opinião pública da cidade. No início dos anos 1840, elementos de um anti-socialismo são rastreados quando vemos o vocábulo ser mobilizado por alguns políticos e redatores como sinônimo de comunismo, anticlericalismo, antimonarquismo e, a exemplo de Abreu e Lima na *Barca*, anarquismo.

As publicações impressas do Partido Conservador explorariam estas conotações do socialismo ao comentarem a atuação praieira na província. *O Maccabeo*, por exemplo, traria que o Partido da Praia “tudo representa, menos a ordem, menos a moralidade, menos a propriedade bem adquirida” e “menos a inteligencia”, por seus interesses antinacionais e ideias sediciosas. Para Antonio Vicente do Nascimento Feitosa, seu redator, o Partido Liberal de Pernambuco seria antro de ideias “ultrarepublicanas, [como] o socialismo, e até finalmente o communismo!!”⁵⁴.

⁵² *O Tribuno*, nº 65, 03 de dezembro de 1868 (*grifos do autor*).

⁵³ *O Republico*, nº 42, 04 de janeiro de 1854. Agradeço ao exímio historiador Edson José de Meneses Alves pela descoberta da nota de Borges da Fonseca e pela partilha da informação.

⁵⁴ *O Maccabeo*, nº 4, 13 de julho de 1849.

No início da década seguinte, Figueiredo, próximo dos conservadores da província, criticaria publicamente um eminente professor de direito da Faculdade de Olinda, Pedro Autran da Matta Albuquerque, que afirmara no jornal *A União* que “o socialismo cifra-se na comunhão das mulheres e dos bens”. Em resposta à provocação despuerada, o redator de *O Progresso* diria que a reprovação caluniosa de Autran era daquelas inventadas “pelos absolutistas e jesuitas” para desmoralizar “os homens que sob o nome de socialistas” faziam a humanidade caminhar “à frente do progresso”. Figueiredo encerraria a nota desafiando Autran a apresentar bibliografia “dos escriptores socialistas, emque [sic] se ache apregoadada essa monstruosa doutrina” descrita no artigo da *União*⁵⁵. Infelizmente não encontramos a tréplica do professor.

III. O SOCIALISMO DO GENERAL

Contudo, o que explica a proposição de Abreu e Lima do termo “socialismo” quando, na verdade, desprezava os pensadores da doutrina, como o “prostituto de [Charles] Fourier”, o “ocioso de [Robert] Owen”, o “velhaco de [François-Noël] Babeuf” e o “corrupto de Saint-Simon”⁵⁶? Por que, após o fracasso da Praieira, se dedicou para a escrita de um livro que carregava justo no título a identificação daquele ideário que o general anos antes tinha por anárquico?

O Socialismo de Abreu e Lima foi anunciado à venda pela primeira vez em julho de 1855 na imprensa do Recife. A edição do livro, impressa pela agora Typographia Imparcial da Viuva Roma, administrada por Umbelina Roma desde a morte de Luiz, foi bastante módica. Publicado originalmente em formato de bolso⁵⁷, distanciando-se do acabamento luxuoso de seu *Compendio* de décadas atrás, então impresso com ilustrações e em dimensões maiores na tipografia dos irmãos Laemmert no Rio de Janeiro, *O Socialismo* seria vendido inicialmente a 2\$000rs se comprado até aquele mês e a 3\$000rs nos dias posteriores. A sua divulgação no *Diario de Pernambuco*, provavelmente de autoria do próprio general, informa que “esta

⁵⁵ *Diario de Pernambuco*, nº 171, 03 de agosto de 1852.

⁵⁶ ABREU E LIMA, José Ignácio de. *O Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, p. 63.

⁵⁷ Pudemos utilizar uma edição original de *Socialismo* para nossa pesquisa no Gabinete Português de Leitura do Recife.

interessante obra”, além de tratar de eventos contemporâneos como a recém-deflagrada Guerra da Crimeia, aborda “toda a historia religiosa e politica até as conferencias de Vienna” que rearranjavam as alianças militares entre as potências europeias a partir de 1853⁵⁸. Ressaltava-se no anúncio, contudo, que o seu principal objeto de estudo seria mesmo o tal do “socialismo christão”.

Se o seu *Compendio* de 1843 foi um exercício dedicado à elaboração da história de um Brasil que ainda se consolidava enquanto país e Estado independente, o *Socialismo* era uma produção de maior ousadia intelectual da parte de Abreu e Lima. Nele, o general se ocuparia do processo civilizatório do Homem, em que pese ainda dedicar o livro “ao futuro do meu paiz”. O anúncio da obra no *Jornal do Commercio*, veiculado um mês antes mesmo da divulgação no *Diario de Pernambuco*, apresentava *O Socialismo* como “historia do genero humano desde o primeiro homem até a época actual, desde a primeira culpa até a reabilitação [sic, seria reabilitação], atravessando todas as civilizações que nos precederão”. Era obra de matéria vasta, voltada a uma história do “mundo caracteristico actual”⁵⁹.

Também identificamos as justificativas para o próprio exercício de escrita do livro na dedicatória. Nela, notamos os ecos de um sujeito fatigado das turbulências políticas e de maiores instabilidades sociais no Brasil. Afinal, Abreu e Lima clama em *O Socialismo* à “divina Providencia [...] illuminar-nos com a sua luz celeste para que vejamos o abysmo das nossas instituições [político-administrativas], e possamos encher-o, não com sangue nem com revoltas pueris e estereis, mas com os fructos da experiencia” de outros Estados e sociedades, “e com o bom senso e moralidade de que formos capazes”⁶⁰. Percebe-se em 1855 a insistência de Abreu e Lima nas mesmas questões políticas e institucionais que levantara na *Barca* às vésperas da Insurreição Praieira, em 1848. Contudo, em *O Socialismo* o general não entreveria a irrupção de fervores revolucionários que poderiam arrasar as estruturas institucionais e a própria unidade política do Império brasileiro. Passados sete anos da guerra civil em Pernambuco e do desastre político que foi a Insurreição Praieira, Abreu e Lima assumia suas dívidas diretamente com o poder político máximo do país, Pedro II, oferecendo ao imperador a sua filosofia da História que ilustrava alguns dos dramas e atrasos ainda dominantes no país.

⁵⁸ *Diario de Pernambuco*, nº 157, 10 de julho de 1855.

⁵⁹ *Jornal do Commercio*, nº 158, 9 de junho de 1855.

⁶⁰ ABREU E LIMA, 1979, p. 343.

Escrever uma história universal já estava há anos nos planos de Abreu e Lima, ou, ao menos, de um de seus editores. As entradas do seu diário relatam a convivência próxima e tumultuada com Eduardo Laemmert, proprietário da Typographia Universal no Rio de Janeiro. No início de agosto de 1843 o general registrou que “Laemmert fez um anuncio com o meu nome p[ara] a Hist. Universal” a ser vendida pela livraria da casa editorial⁶¹. Sob anonimato Abreu e Lima lançaria, pela Universal dos irmãos Laemmert em 1847, a *Historia Universal*. No “Discurso sobre a História” que abre este livro, Abreu e Lima revela que enxerga a escrita historiográfica como “o juízo sobre as acções dos homens”, essencialmente um relato dos “acontecimentos, cujos resultados tenham tido alguma influencia (em mal ou em bem) sobre os Estados ou sobre” aquilo que abordaria com mais dedicação em *Socialismo* anos mais tarde, “o Genero Humano”⁶².

Leitor atento de Kant e de Hegel, o general também acreditava nas filosofias da História modernas, aquelas que pregavam ideias de crescimento civilizacional e de desenvolvimento do gênero humano e que afirmavam a operação de leis e constantes operando em um processo histórico “universal”, atravessador de todas as sociedades em todos os tempos⁶³. Ler com atenção as notas de rodapé de *O Socialismo* nos proporciona perceber como e por onde se dava o acesso de Abreu e Lima à bibliografia utilizada na obra. Em suas considerações sobre Kant, Hegel e Ballanche, Abreu e Lima cita traduções destes e de demais autores europeus veiculadas no *Diario de Pernambuco* e no *Diario Novo*, como o “Estudos sobre a philosophia moral no seculo XIX” de autoria do filósofo francês Jules Simon, por exemplo, publicado originalmente na *Revista de Paris* e traduzido no *Diario de Pernambuco* em 17 de janeiro de 1855⁶⁴. Por estas mesmas notas também descobrimos que o general tinha muitos livros destes pensadores à mão, citando-os constantemente ao longo de *O Socialismo*, por vezes com passagens em seus idiomas originais. No diário, registra como chegou a acumular dívidas com as compras e as taxaões dos livros importados na alfândega para suas pesquisas⁶⁵. Muitos destes opúsculos, inclusive,

⁶¹ Diário Particular..., 10 de agosto de 1843.

⁶² ABREU E LIMA, José Ignacio de. *Historia Universal desde os tempos mais remotos até aos nossos dias relatando os acontecimentos mais notaveis em todas as epochas e os feitos dos homens mais celebres de todos os povos composta sobre o plano de Gabriel Gottfredo Bredow e enriquecida com notas por um brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal, 1847, p. 1, 2, 6.

⁶³ ROSSI, Paolo: *Naufrágio sem espectador: a ideia de progresso*. São Paulo: Editora UNESP, 2000, p. 95.

⁶⁴ ABREU E LIMA, 1979, p. 42. A edição do *Diario* é o número 13 do ano de 1855.

⁶⁵ Diário Particular..., 13 de agosto de 1844.

seriam reunidos e colocados à venda após sua morte em 1869, conforme lemos as notas do *Diário de Pernambuco* escritas por Joaquim Antonio de Faria Abreu e Lima, familiar e inventariante do general. Nelas, Joaquim Abreu e Lima anunciou leilões de pratarias, objetos de ouro e “importantes livros” que pertenceram ao ilustre finado⁶⁶.

Sobre a filosofia da História de Hegel, a mais popular do século XIX e inspiração a pensadores dos mais diversos matizes e políticas de Estado de uma série de países na América do Sul, basta lembrarmos as considerações do filósofo mexicano Leopoldo Zea quando este comenta que, para o filósofo alemão, “a realização plena do espírito, como liberdade, alcança sua máxima expressão na Europa. E, através da Europa, tal liberdade se universalizará, incorporando todos os povos da Terra”⁶⁷.

Por consequência, Abreu e Lima também era crente na inexorabilidade do Progresso, processo ocidental por origem e ocidentalizante em sua finalidade. Adotando uma lente que recortava todas as experiências sociais a partir da dicotomia civilização/barbárie, Abreu e Lima enxergou falhas e lacunas na formação social brasileira em *O Socialismo*, identificando uma série de elementos ainda presentes que condenavam o país ao atraso. Apenas as boas práticas do Progresso ocidental dariam conta de instituições como o tráfico de escravizados, por exemplo, que prejudicavam a marcha civilizatória do Brasil junto ao concerto Ocidental, seu signo civilizatório *per se*.

Sobre o “commercio infame”, elogiava a atuação legislativa do Estado brasileiro para sufocar o tráfico escravista com a promulgação da Lei Feijó de 1831 e a Lei Eusébio de Queiroz de 1850. Porém, o general desconfiava da vigilância das autoridades, em sua leitura ináptas na contenção das atividades traficantes no Brasil, esta “obra de traficantes estrangeiros”, provavelmente portugueses, conforme acusa em *O Socialismo*⁶⁸. Portugueses como José do Trapiche, notório traficante lusitano de escravizados no Recife e que o apoiara na malograda candidatura à Câmara dos Deputados quase dez anos antes⁶⁹.

⁶⁶ *Diário de Pernambuco*, nº 99, 3 de maio de 1869.

⁶⁷ ZEA, Leopoldo. Discurso desde a marginalização e a barbárie. In: *Discurso desde a marginalização e a barbárie; A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005, p. 289.

⁶⁸ ABREU E LIMA, 1979, p. 213-214.

⁶⁹ *Diário Particular...*, 5 de setembro de 1844. Na ocasião, o traficante de escravos prometeu a Abreu e Lima “todos os votos do Rec[ife] algum [sic] de Olinda”.

Décadas mais tarde, Abreu e Lima escreveria o necrológio de Gaspar de Menezes Vasconcellos de Drummond para o *Diário de Pernambuco*, em 1866. Militar e importante figura pública na indústria agrícola da província pernambucana, sujeito de quem era próximo desde a infância, do convívio familiar até ao serviço na Academia Militar no período joanino, Abreu e Lima recorda na elegia como Drummond era recebido “como um pae” por seus trabalhadores, espalhados ao longo de aproximadamente seis léguas de terras próximas das praias de Pernambuco. Comenta que os trabalhadores de Drummond recebiam o tratamento de súditos, tratados como membros de “uma grande família [...] como membros de uma comunhão”, resultado da forma paternal com que seu senhor os mantinha. Quando fala do espaço do engenho, o general revela sua admiração com um asilo criado por Drummond especificamente voltado à “infancia desvalida”. Este local “conservava” cerca de 50 crianças de idade de 2 aos 6 anos, “todas bem vestidas, muito limpas, e cuidadosamente tratadas”. Nas palavras do antiescravista Abreu e Lima, o asilo de Drummond “formava um viveiro de bons escravos”, pequena parcela dos quase 400 cativos que o coronel mantinha em suas terras⁷⁰.

Meses após a publicação de *O Socialismo*, Drummond seria personagem central do escândalo do desembarque de escravizados em Sirinhaém. Último desembarque escravista registrado no Brasil, o navio negreiro do tráfico desceria justo em suas terras no início de outubro de 1855. O episódio, que custou a Drummond “milhões de pesares” nas palavras de Abreu e Lima no necrológio, foi o estopim de um escândalo diplomático, com os ingleses, e político, por envolver latifundiários próximos ao presidente da província de Pernambuco, senadores locais e mesmo o ministro da Justiça do gabinete à época, Nabuco de Araújo⁷¹. O caso também valeu a Drummond acusações de prevaricação vindas do próprio presidente de Pernambuco à época. O fato é que o capitão do navio negreiro e a tripulação fugiram e, conforme se descobriu mais tarde, parte dos escravizados foram desviados e tornaram-se propriedade do filho de Drummond. Mas Abreu e Lima, um “dos seus mais dedicados amigos”, garante que não o abandonou nos momentos difíceis de acusação e investigação após o malsucedido desembarque ilegal.

⁷⁰ *Diário de Pernambuco*, nº 174, 20 de julho de 1866.

⁷¹ A trama de Sirinhaém foi analisada por Marcus Carvalho e Paulo Cadena. CARVALHO, Marcus; CADENA, Paulo. “A política como ‘arte de matar a vergonha’: o desembarque de Sirinhaém em 1855 e os últimos anos do tráfico para o Brasil”. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, p. 651-677, set./dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/topoi/a/76XtgmYDq6tsNvshv5849VL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 mai. 2024.

Não é por acaso que Abreu e Lima exprimia no *Socialismo* a sua admiração por viver na época daquilo que identificava por emancipação moderna. Se a emancipação moderna era antes o maior signo do Progresso oitocentista por alcançar os recônditos mais isolados do globo, espaços que ainda pareciam, para Abreu e Lima, afeitos à civilização, no continente americano, onde a escravidão ainda persistia em existir, a emancipação se tornava mais do que um princípio, era uma necessidade. Por isso rasgava elogios aos recém-independentes Estados hispano-americanos que aboliam a escravidão em seus territórios, promovendo de forma gradual a emancipação da mão-de-obra cativa. Também expressou admiração ao britânico William Willberforce, político que em 1787 deu o primeiro passo à criminalização do tráfico escravista em seu país quando fora parlamentar na Câmara dos Comuns⁷².

A preocupação de Abreu e Lima com o elemento negro, porém, ia além do aspecto humanitário. Era política. Reprodutor do medo do haitianismo, o general via no elemento cativo do país uma causa potencial de riscos à unidade da monarquia e mesmo do território nacional. A ameaça concernia até à integridade nacional brasileira porque o escravizado, “patente a nossos olhos, [...] presente na nossa imaginação, seguindo-nos como a nossa propria sombra”, era matéria estimulante de desordens de todo tipo, situações que poderiam ir de rebeliões à guerra civil⁷³.

Em *O Socialismo* o general acreditava na liberdade do comércio, “da industria e do trabalho”, que aos poucos estendiam “suas raízes nas entranhas do povo” brasileiro. Elogiou a expansão das potências imperiais do Ocidente à África, Ásia e mesmo à América do Norte, no caso dos Estados Unidos que rasgavam este continente com as suas tropas de cavalaria fidelizadas na tarefa divina assumida com o tal do Destino Manifesto. O exemplo dos Estados Unidos apresenta uma digressão para Abreu e Lima, porque também é dali de onde vem o “povo mais egoísta” e “mais interesseiro”. Se considera que é do país norte-americano que se formará “o centro da grande civilização [sic] moderna”, Abreu e Lima não vê com bons olhos a rápida e agressiva expansão territorial *yankee*, cujo “egoísmo e [...] ambição acabarão por fim de revoltar contra si a todo mundo”. Os Estados Unidos, afinal, haviam acabado de anear cerca de metade do território mexicano. O Brasil, por compartilhar um “desígnio” providencial na

⁷² ABREU E LIMA, 1979, p. 213-214.

⁷³ *Idem, ibidem.*, p. 205.

América do Sul semelhante àquele da potência emergente na América do Norte, “dentro de 25 annos será o unico rival dos Estados Unidos”, tornando-se para o general o principal obstáculo “á ambição” norte-americana no continente⁷⁴. Nesta análise ecoam as considerações de Hegel em seus cursos da filosofia da História, quando comentou que os Estados Unidos, não obstante “a terra do futuro”, travariam a disputa mais “importante da história universal” com a América do Sul⁷⁵.

Enxergou nestas expansões imperialistas um movimento simultâneo ao do Espírito da Razão observado também por Hegel em suas famosas lições sobre a filosofia da História e a marcha da civilização. Atento às movimentações armadas internacionais, Abreu e Lima enxergou nelas uma razão providencial. É uma lei divina que também explica a expansão da civilização e dos seus signos, que conseguem

Unir os povos por caminhos de ferro, barcos de vapor ou de calorico, telegraphos electricos, balões aerostaticos, [...] eis ahi tudo: multiplicar os interesses [econômicos] por toda a parte, tornar o homem *cidadão do mundo*, prover as suas mais urgentes necessidades, eis ahi o fim á que se dirigem as sociedades modernas: estreitar as distancias⁷⁶.

Abreu e Lima impressionava-se com a construção daquilo que o historiador Eric Hobsbawm chamava de globalização da economia, em aceleração justamente nestas décadas da metade do século XIX. Em muito pela violência, nas palavras de Hobsbawm este é o momento da elaboração, pelas potências ocidentais, de uma “rede cada vez mais densa de transações econômicas, comunicação e movimentos de bens, dinheiro e pessoas”, que na interpretação do historiador inglês ligavam “os países desenvolvidos entre si [...] ao mundo não desenvolvido”⁷⁷. O estreitamento das distâncias por essa nova malha de transportes incorporava aos “velhos centros de riqueza” aquelas áreas mais remotas à economia mundial, “eliminando ou repelindo os habitantes nativos” destes espaços⁷⁸.

O século XIX, em *O Socialismo*, definitivamente seria o das Luzes, mesmo que impostas à força da lei, das armas e da religião católica. Eram anos em que “a ignorancia, o fanatismo, os preconceitos populares” aos poucos eram afastados por ideias “luminosas e uteis”,

⁷⁴ *Idem, ibidem.*, p. 251-253.

⁷⁵ HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995, p. 79.

⁷⁶ ABREU E LIMA, 1979, p. 52 (grifos do autor).

⁷⁷ HOBBSAWM, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 95.

⁷⁸ *Idem, ibidem.*, p. 96.

de “novos costumes”. Nas suas palavras, “a civilização marcha por toda a parte com a sua foice inexhorável”⁷⁹.

A Providência Divina, identificada como lei, também não permitia “que 300 milhões de indivíduos” de um país como a China, por exemplo, estejam “segregados da grande família humana”. Se Abreu e Lima gasta elogios ao “canhão inglês, que abriu a primeira brecha nas muralhas da China”, é porque acreditava no predomínio do Homem ocidental e dos seus valores. Difícil não recordarmos mais uma vez as considerações de Zea sobre a dicotomia civilização/barbárie no século XIX como signo de centro e periferia, poder e dependência. Com e a partir deste eurocentrismo típico das ciências modernas, o destino dos povos e nações foi decidido a serem dominados por não serem “cópia exata de seus dominadores” ocidentais⁸⁰, reduzidos à condição de inferioridade e atraso, mas destinados à correção pela ação dos Estados imperialistas do Ocidente.

Contudo, Abreu e Lima constrói o seu *Socialismo* não só da leitura daqueles que acreditavam na marcha progressista e civilizatória do Homem por vieses científicos ou em arcabouços filosóficos mais elevados. Sua grande inspiração para o exercício historiográfico, na verdade, é um filósofo contrarrevolucionário hoje obscuro no rol dos pensadores franceses. Pierre-Simon Ballanche, autor do *Essais de Palingénésie Sociale*, gozava de bastante circulação nos impressos brasileiros nos idos da década de 1850 por sua tese de palingenesia social⁸¹. Para o francês, era a Providência Divina que governaria os destinos do Homem de seu princípio até o fim⁸².

Nas palavras de Jacques Le Goff, Ballanche fora o cantor da Restauração contrarrevolucionária da França pós-Era Napoleônica. Crítico ferrenho da Revolução de 1789, o contrarrevolucionário conciliava em suas obras o Progresso moderno com o pensamento católico. Autor de uma teologia original do Progresso, Ballanche leu os planos divinos à perfectibilidade do Homem por meio de sua queda, provação, expiação e reabilitação⁸³. Arthur McCalla, biógrafo deste pensador, enxergou na produção bibliográfica de Ballanche, em especial na sua *Palingénésie*, a busca por uma nova ordem social que encerrasse em definitivo

⁷⁹ ABREU E LIMA, 1979, p. 60.

⁸⁰ ZEA, 2005, p. 52.

⁸¹ ABREU E LIMA, 1979, p. 42.

⁸² *Idem, ibidem*, p. 33.

⁸³ LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p. 238.

o caos dos anos revolucionários no país, ordem que para o francês seria iniciada apenas com uma reorganização necessária do mundo social-religioso ocidental⁸⁴.

Abreu e Lima não explica tão bem aos seus leitores como Ballanche chegou a tal princípio filosófico. Apenas pontua que o francês conseguiu provar a existência da Providência “por meio da logica irresistivel dos factos”, lógica nunca apresentada em *O Socialismo*. Comparando os fatos Ballanche teria conhecido a lei geral “que governa a humanidade” ao entrever as suas causas. Todavia, aqui nos interessa como a teosofia de Ballanche dirige-se ao Homem abordado enquanto singular-coletivo, “porque o *homem* he para elle [Ballanche] a humanidade toda inteira, e a humanidade a seu termo não he outra cousa senão o homem colectivo”⁸⁵. No prólogo de *O Socialismo*, Abreu e Lima demonstra como o arcabouço deste seu exercício de história universal é a proposição feita por Ballanche de que o “genero humano formará, pois, uma só e immensa familia, quando se houverem realisado estes dous factos: uma só raça, a Caucasea; um só symbolo de fé, a Cruz”⁸⁶. Desígnio da humanidade por si só superior da fraternidade universal, entrevista pelo general em sua interpretação da marcha civilizatória do Homem.

Neste ínterim, o Progresso não se refere apenas às conquistas materiais, signos da modernidade e da civilização, mas também às questões morais, identificáveis pelo general nas sociedades de temperança dos Estados Unidos e da Inglaterra que pregavam a moderação no consumo do álcool, por exemplo. Na compreensão histórica de Abreu e Lima, não é como se a trajetória humana fosse um processo aberto constantemente aos acasos. Antes, fatores como a moralidade e a materialidade tenderiam à mesma finalidade, a saber, ao bem-estar do Homem que “busca em sua peregrinação o que os Inglezes chamão o seu *confort*”⁸⁷. De caráter cristão, essa moralidade reafirmaria a verdade eterna da Queda e da “reabilitação” humana. Estudioso das escrituras bíblicas, Abreu e Lima percebe neste processo o caminhar de uma longa regeneração universal, “pela regra de que Deus escreve certo por linhas tortas”⁸⁸. Aqui as suas ideias aproximam-se bastante daquelas circuladas pelos antimodernos franceses do início do

⁸⁴ McCALLA, Arthur. *A romantic historiosophy: the philosophy of history of Pierre Simon-Ballanche*. Leiden; Boston; Koln; Brill: Library of Congress, 1998, p. 1, 138.

⁸⁵ ABREU E LIMA, 1979, p. 33.

⁸⁶ *Idem, ibidem*, p. 28.

⁸⁷ *Idem, ibidem*, p. 53 (grifos do autor).

⁸⁸ *Idem, ibidem*, p. 30.

século XIX, estudados por Antoine Compagnon, que enxergaram o elemento religioso como “parte integrante do programa contrarrevolucionário e antimoderno como volta à vontade divina contra a vontade do povo”⁸⁹.

Para Abreu e Lima o vocábulo socialismo, tal como “socialista”, fora sequestrado por aqueles da “escoria da especie humana” que o tornam “no seculo actual [...] como synonyma [sic] de *comunista*”. Significava, portanto, o ataque a tudo aquilo que constitui e mantém a base da sociedade humana, a saber, a família e a propriedade privada⁹⁰. Não se distanciava do que escrevera na última edição da *Barca de S. Pedro* em 1848, quando condenara estes mesmos personagens ao mesmo tempo em que anunciava a vitória das ideias socialistas.

Por outro lado, Abreu e Lima interpreta como socialismo este processo universal da Providência Divina que rege o destino da fraternidade humana. Socialismo não seria nem uma espécie de “sciencia, nem uma doutrina nem uma religião, nem uma seita, nem um systema, nem um principio” e “nem uma idéia”, mas sim a tendência do “genero humano para tornar-se uma só e immensa familia”⁹¹. Manifestava-se por aquilo que chama de fenômenos sociais, “e eis-ahi porque chamamos *socialismo* a essa tendencia visivel, palpavel”, de marcha sempre crescente e progressiva. Socialismo, portanto, era um Progresso que Abreu e Lima compreende como social e antirrevolucionário, também *socializante* por seu caráter historicizante e universal. O general mudou as atribuições e significados da palavra, mesmo que continuassem transportadas pelo mesmo significante. Socialismo, para Abreu e Lima, encerra-se na máxima de Koselleck sobre os conceitos, que envelhecem, mas cujos “significados [...] podem mudar ou se transformar, contanto que a mesma palavra passe a expressar um novo estado de coisas”⁹². Na filosofia da História de *O Socialismo*, o Homem, os países e a própria história são antes instrumentos da vontade divina, que só pode ser entrevista nas leis da Providência por atores conscientes – e modernos! – da sua capacidade transformativa neste mundo em rápida transformação que os cercavam.

A esta altura do Oitocentos, após as revoluções perdidas na Colômbia e as decepções políticas no Brasil, o general enxergava ao menos uma vitória, alcançada em proporções muito

⁸⁹ COMPAGNON, 2011, p. 95.

⁹⁰ ABREU E LIMA, 1979, p. 63 (*grifos nossos*).

⁹¹ *Idem, ibidem*, p. 29.

⁹² KOSELLECK, 2020, p. 387.

maiores que aquelas batalhas enfrentadas quando comandara as tropas *patriotas* nos *llanos* da Venezuela ou travadas pelas imprensas brasileira e colombiana. Nesta última contenda historiográfica, já vencida de antemão em sua perspectiva, formas de governo ou projetos administrativos não significariam maiores fatores determinantes para o seu resultado final. Não deixa de ser irônico ler próximo à conclusão da obra histórica de maior fôlego de um sujeito que passou a vida acumulando polêmicas políticas e arengas partidárias por dois dos maiores países da América do Sul, por décadas dedicado à sustentação do regime político de Bolívar na Colômbia e ao conservadorismo legalista pró-Pedro I no Brasil, que “o melhor governo não he o monarchico, nem o republicano, nem o autocratico, nem o democratico”⁹³. Agora, Abreu e Lima punha-se à distância das polêmicas que escrevera sete anos antes, quando defendera reformas na Constituição e mesmo uma revolução a ser confiada a Pedro II à estabilização do país nas vésperas da Insurreição Praieira.

Neste início da segunda metade do XIX Abreu e Lima confortava os seus leitores, e a si mesmo, de que o governo “que fizer a felicidade, a grandeza, a riqueza e o bem-estar do povo” será digno de consideração, tornando-se símbolo e signo do próprio avanço da modernidade que o século lhe apresentava. Irrequieto e combativo por toda a vida em seus artigos, pasquins e jornais, dono de opiniões inflamadas e agressivo com seus detratores, o general agora repousava intelectualmente na certeza de três processos discernidos em *O Socialismo*: primeiro o da civilização, que “fará a volta do mundo sob o estandarte da cruz, depois de ter percorrido os continentes da Europa e da America”; em segundo o do Progresso, que “livre das pês da repressão, actuará sobre o espirito dos povos e dos governos”; por último o da razão, que quando suas “luzes [...] penetrarem por toda a parte, uns e outros se achárão no mesmo campo de conciliação”⁹⁴. Em *O Socialismo*, Abreu e Lima agora acreditava em uma concórdia social a longo prazo no Brasil motivada pelas Luzes da modernidade e da civilização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹³ ABREU E LIMA, 1979, p. 342.

⁹⁴ *Idem, ibidem*, p. 342.

Uma carta pessoal para José Antônio Páez, ex-presidente da Venezuela e antigo companheiro de armas na Colômbia, escrita mais de uma década após a publicação de *O Socialismo*, nos revela aquela que talvez seja a última consideração de Abreu e Lima acerca das inquietações que o acompanharam por toda a vida. Na correspondência, além de reassumir-se bolivarista e confessar ao velho amigo como sente saudades dos anos colombianos⁹⁵, quando compartilhou da companhia pessoal de Páez, Bolívar e de outros tantos *libertadores*, também diz que se empenhou à escrita de várias obras no Brasil.

Sabemos que oferece junto à carta para Páez uma edição de *Socialismo*, “obra philosophica que publiquei há annos”. Mas não entraria em maiores detalhes do livro com o antigo camarada de armas. Silenciava sobre seus escritos polêmicos do Recife, e nem entraria em detalhes sobre o seu livro de 1855, em que reinterpretou o socialismo como um Progresso moderno, universal e cristão. Naquele momento de 18 de setembro de 1868, bastou a Abreu e Lima confessar que no Brasil “vamos muito mal”. Pelo que expôs para Páez, o general parecia ser da opinião de que, passados quase quinze anos da escrita de *O Socialismo*, o Brasil ainda não atingira aquelas etapas civilizatórias necessárias para pôr-se a par junto às nações modernas.

Na carta, as lamentações de Abreu e Lima se estendem à desenvoltura das Forças Armadas brasileiras na Guerra do Paraguai, “se espantaria de ver que um povo semelhante gastasse tres annos em uma guerra, que teria durado quando muito seis mezes, si tivéssemos um bom general”, à formação social do Brasil, que “seria hoje tão importante como os Estados-Unidos, se não fôssemos descendentes dos portuguezes”, à política nacional, “não serei eu o que tome a menor parte na política do paiz – lá se avenham as facções”⁹⁶. Reafirmava seu bolivarismo, mas distanciava-se do seu otimismo de início dos anos 1850 em *O Socialismo*, tão bem expresso na sua escolha da famosa passagem retirada da quarta *Bucólica* de Virgílio para servir de epígrafe ao capítulo “O que he o socialismo”, que traduziu a sua esperança para o alvorecer de um novo mundo e o início de uma nova época à humanidade a partir daquele momento de Luzes do XIX: “*magnus ab integro saeculorum nascitur ordo*”⁹⁷, a grande marcha dos séculos começa novamente.

⁹⁵ SOUZA JÚNIOR; ARRUDA CARNEIRO DA CUNHA, 2024, p. 123.

⁹⁶ *O Novo Mundo*, nº 32, 21. Mai. 1873. A carta seria publicada em dois números neste periódico, com sua primeira parte lançada na edição do dia anterior, número 31.

⁹⁷ ABREU E LIMA, 1979, p. 29.

REFERÊNCIAS

FONTES

- A Arca de Noé*, nº 19, 20 de novembro de 1833. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/702137/71>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- A Barca de S. Pedro*, nº 8, 11 de julho de 1848. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/814016/29>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- A Barca de S. Pedro*, nº 20, 23 de outubro de 1848. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/814016/79>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- A Torre de Babel*, nº 7, 6 de março de 1833. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/702129/44>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- ABREU E LIMA, José Ignacio de. *Historia Universal desde os tempos mais remotos até aos nossos dias relatando os acontecimentos mais notáveis em todas as epochas e os feitos dos homens mais celebres de todos os povos [...] e enriquecida com notas por um brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal, 1847.
- _____. *O Socialismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- COLEÇÃO INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO (IAHGP). Fundo Orlando Cavalcanti. Caixa 209.
- Diário de Pernambuco*, nº 75, 1 de abril de 1848. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_02/10232. Acesso em: 14 mai. 2024.
- Diário de Pernambuco*, nº 171, 03 de agosto de 1852. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_03/3057. Acesso em: 14 mai. 2024.
- Diário de Pernambuco*, nº 157, 10 de julho de 1855. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_03/6625. Acesso em: 14 mai. 2024.
- Diário de Pernambuco*, nº 174, 20 de julho de 1866. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_04/16547. Acesso em: 14 mai. 2024.
- Diário de Pernambuco*, nº 99, 3 de maio de 1869. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/029033_04/23183. Acesso em: 14 mai. 2024.
- Diário Novo*, nº 280, 30 de dezembro de 1848. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/709867/7032>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- DIÁRIO PARTICULAR DO GENERAL JOSÉ IGNACIO DE ABREU E LIMA. Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP). Documento mimeografado.
- Jornal do Commercio*, nº 172, 3 jul. 1844. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_03/6481. Acesso em: 14 mai. 2024.
- Jornal do Commercio*, nº 158, 9 jun. 1855. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/DocReader/364568_04/8610. Acesso em: 14 mai. 2024.
- O Carapuceiro*, nº 1, 1 mar. 1847. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/SECXIX/1646>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- O Cearense*, nº 161, 22 jun. 1848. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/DocReader/709506/635>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- O Eclético*, nº 2, 19 jul. 1848. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/SECXIX/3006>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- O Maccabeo*, nº 4, 13 jul. 1849. Disponível em: <http://200.238.101.22/docreader/SECXIX/9650>. Acesso em: 14 mai. 2024.

O Novo Mundo, nº 31, 23 abr. 1873. Disponível em:
<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/122815/511>. Acesso em: 14 mai. 2024.
O Novo Mundo, nº 32, 21 mai. 1873. Disponível em:
<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/122815/527>. Acesso em: 14 mai. 2024.
O Progresso: Revista Social, Litteraria e Scientífica. Recife: Imprensa Oficial, 1950.
O Republico, nº 42, 04 jan. 1854. Disponível em:
<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/332704/637>. Acesso em: 14 mai. 2024.
O Tribuno, nº 65, 03 dez. 1868. Disponível em:
<http://memoria.bn.gov.br/DocReader/822795/563>. Acesso em: 14 mai. 2024.
 VAUTHIER, Louis- Léger. In: PONCIONI: Claudia. *Louis-Léger Vauthier, engenheiro francês fourierista*. Recife: Cepe, 2010.

OBRAS GERAIS

CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. *O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830-1870*. Tese de doutorado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2012.
 CARVALHO, José Murilo de (coord.). *A construção nacional: 1830-1889*, vol. 2. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
 CARVALHO, Marcus; CADENA, Paulo. “A política como ‘arte de matar a vergonha’: o desembarque de Sirinhaém em 1855 e os últimos anos do tráfico para o Brasil”. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 42, p. 651-677, set./dez. 2019. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/topoi/a/76XtgmYDq6tsNvshv5849VL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 14 mai. 2024.
 CHACON, Vamireh. *História das idéias socialistas no Brasil*. Rio de Janeiro: Editôra Civilização Brasileira S. A., 1965.
 COMPAGNON, Antoine. *Os antimodernos: de Joseph de Maistre a Roland Barthes*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
 DURKHEIM, Émile. *O socialismo*. São Paulo: EDIPRO, 2016.
 FELDMAN, Ariel. *Espaço público e formação do Estado nacional brasileiro, a atuação política do Padre Carapuceiro (1822 a 1852)*. Tese de doutorado (História) – Programa de Pós-Graduação em História Social, São Paulo, USP, 2012.
 HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Filosofia da história*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.
 HOBBSBAWM, Eric. *A era dos impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
 HOBBSBAWM, Eric. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
 HOLANDA, Sérgio Buarque de. In: NOVAIS, Fernando A. (org.). *Capítulos de história do Império*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
 KOSELLECK, Reinhart. *Histórias de conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
 KOSELLECK, Reinhart. Uma resposta aos comentários sobre o *Geschichtliche Grundbegriffe*. In: JASMIN, Marcelo Gantus; JÚNIOR, João Feres (org.). *História dos conceitos: debates e perspectivas*. Rio de Janeiro, Editora PUC-Rio, Edições Loyola, IUPERJ: 2006, p. 97-109.

- LAFHEY, John F. Concórdia e Discórdia no Pensamento Social Francês na Primeira Metade do Século XIX. In: KANTZ, Frederick (org.). *A Outra História – Ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990, p. 227-242.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- MAZIN, Angelo Diogo; STEDILE, Miguel Enrique. *Abreu e Lima, general das massas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- McCALLA, Arthur. *A romantic historiography: the philosophy of history of Pierre Simon-Ballanche*. Leiden; Boston; Koln; Brill: Library of Congress, 1998.
- MELLO, Urbano Sabino Pessoa de. *Apreciação da Revolta Praieira em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Typ. do Correio Mercantil, 1849.
- MOREIRA, Aluizio Franco. *As Idéias Políticas e Outras Idéias de Dois “Quarante-Huitards” Pernambucanos (Abreu e Lima e Antonio Pedro de Figueiredo)*. Dissertação de mestrado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 1986.
- MOSHER, Jeffrey. *Political struggle, ideology, and state building: Pernambuco and the construction of Brazil, 1817-1850*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2008.
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial, 1949.
- NABUCO DE ARAÚJO. *Justa apreciação do partido praieiro ou história da dominação da Praia*. Recife: Typographia União, 1847.
- QUINTAS, Amaro. *O sentido social da Revolução Praieira*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.
- ROSAS, Suzana Cavani. “A praça é do povo como o céu é do Condor”: Borges da Fonseca e sua combativa luta na imprensa entre 1850 e 1860. In: CHRISTILLINO, Cristiano Luís; SCHETTINI, Vitória Fernanda. *Política e sociedade no Brasil oitocentista*. Recife: Ed. UFPE, 2020, p. 165-187.
- ROSENBLATT, Helena. *A história perdida do liberalismo: da Roma antiga ao século XXI*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2022.
- ROSSI, Paolo. *Naufágio sem espectador: a ideia de progresso*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- SANTOS JÚNIOR, Ivan Soares dos. *Entre a harmonização e a federação: sociedades públicas em Pernambuco (1831-1834)*, dissertação de mestrado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2020.
- SECCO, Lincoln. A face da revolução. *A Terra é redonda*, 14 de setembro de 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-face-da-revolucao/>. Acesso em: 20 abr. 2024.
- SOUZA JÚNIOR, Paulo Montini de Assis. *Abreu e Lima redator: estudos sobre cultura política e pensamentos nos pasquins fluminenses de José Ignácio de Abreu e Lima*. Dissertação de mestrado (História) – Programa de Pós-Graduação em História, Recife, UFPE, 2020.
- SOUZA JÚNIOR, Paulo Montini de Assis; ARRUDA CARNEIRO DA CUNHA, Diogo. As Américas do General: um estudo da construção de uma memória histórica por José Ignácio de Abreu e Lima na missiva para José António Páez, 1868. *Revista Brasileira do Caribe*, v. 24, n. 47, p. 103-134, jul./dez. 2023, 2024. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrscaribe/article/view/22286/12601>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *Lembranças de 1848: as jornadas revolucionárias em Paris*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

TUDESQ, André-Jean; RUDEL, Jean. *1789-1848*. Paris: Bordas, 1979.
ZEA, Leopoldo. Discurso desde a marginalização e a barbárie. In: *Discurso desde a marginalização e a barbárie; A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

Recebido em: 15/05/2024 – Aprovado em: 26/08/2024